



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
CURSO DE PSICOLOGIA**

LUCAS MIRANDA

PERVERSÃO E ABUSO SEXUAL: AS NUANCES DE UM DISCURSO

CAMPINA GRANDE

2018

LUCAS MIRANDA

PERVERSÃO E ABUSO SEXUAL: AS NUANCES DE UM DISCURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no departamento de psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de bacharel em psicologia.

Área de concentração: Saúde

Orientador: Prof. Dr. Elisângela Ferreira Barreto

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M672p Miranda, Lucas.
Perversão e abuso sexual [manuscrito] : as nuances de um discurso / Lucas Miranda. - 2018.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Elisângela Ferreira Barreto, Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Psicanálise. 2. Perversão. 3. Abuso sexual. 4. Discurso.
I. Título
21. ed. CDD 150.195

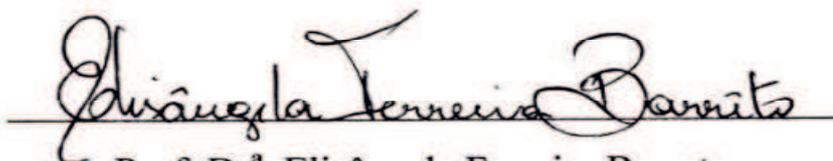
LUCAS MIRANDA

PERVERSÃO E ABUSO SEXUAL: AS NUANCES DE UM DISCURSO

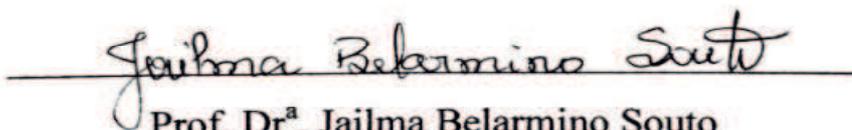
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no departamento de psicologia
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de bacharel
em psicologia.
Área de concentração: Saúde

Aprovada em: 28/11/2018.

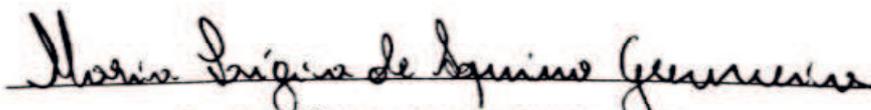
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Elisângela Ferreira Barreto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr^a. Jailma Belarmino Souto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr^a. Maria Lígia Gouveia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por toda sua dedicação, por estar sempre ao meu lado e desempenhar uma função primordial nas minhas conquistas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha família pelo apoio e por acreditarem no meu potencial, sempre colaborando para o meu crescimento.

Ao meu companheiro de jornada Michael, que desempenhou um papel fundamental sempre me apoiando nas minhas escolhas e me ajudando a trilhar um caminho harmonioso e repleto de sabedoria.

A minha querida avó Edite (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força e sempre presente em memória.

Aos nobres professores do Curso de psicologia da UEPB, em especial, Dr^a. Elisângela Barreto, minha querida orientadora e amiga com quem trilhei um caminho repleto de conhecimento. As professoras, amigas e parceiras de trabalho com quem tive a oportunidade de aprender muito e crescer academicamente Dr^a. Lígia Gouveia e Dr^a. Jailma Souto.

Aos amigos que tive a oportunidade de ter um feliz encontro durante a graduação e que levarei sempre comigo o nosso vínculo construído, sempre preservando as nossas relações.

Por fim, a psicanálise que me proporcionou tornar-me quem sou hoje.

“Fala é maneira de cura quem fala confirma o
poder da palavra.
É maneira de cura.
É o poder da palavra.
Fala maneira de cura quem fala confirma o
poder da palavra.”

BaianaSystem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	METODOLOGIA.....	08
3	DESENVOLVIMENTO.....	09
	3.1 PERVERSÃO DE TODO SUJEITO FALANTE.....	09
	3.2 A ESTRUTURA PERVERSA	12
	3.3 A PERVERSÃO COMO DISCURSO.....	16
4	RESULTADOS E DISCURSÕES	21
5	CONCLUSÃO	22
6	REFERÊNCIAS	23

PERVERSÃO E ABUSO SEXUAL: AS NUANCES DE UM DISCURSO

Lucas Miranda¹

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca do discurso perverso e de uma análise de entrevista jornalística, com objetivo de investigar aspectos e particularidades desta forma discursiva em sujeitos que cometem abuso sexual contra crianças e adolescentes, também como, fazer um levantamento acerca da literatura existente sobre o tema. Para ilustrar tais aspectos do discurso, foram utilizados recortes de falas de uma entrevista jornalística com um padre condenado por cometer abusos sexuais e em seguida feito uma teorização psicanalítica sobre as particularidades desta forma discursiva, não no intuito de averiguar a estrutura psíquica do sujeito, mas as sutilezas do discurso que apresenta.

Palavras-Chave: Discurso 1. Perversão 2. Psicanálise 3.

1. INTRODUÇÃO

O abuso sexual é uma estatística crescente que atinge as diversas camadas da população mundial, causando danos e sofrimentos psíquicos nos sujeitos que são alvo desta ação. Segundo dados da Unicef, em 2015 foram registradas pelo Disque 100, 17.588 denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes, equivalentes a duas denúncias por hora.

O assunto tem causado preocupação nas autoridades do mundo inteiro e tem sido alvo de estudos e pesquisas das mais diversas áreas de abrangências, por sua magnitude e escândalos envolvendo autoridades religiosas, políticas, judiciais, a população de modo geral.

Na psiquiatria os sujeitos que cometem o ato de abusar de crianças e adolescentes são enquadrados na categoria dos transtornos sexuais e são padronizados por tal comportamento, gerando desta forma, uma gama de nomenclaturas e variados diagnósticos, que acabam por confundir, ao invés de auxiliar a quem pretende se debruçar sobre o assunto.

¹ Aluno de Graduação em Bacharel em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: luksmiranda9@gmail.com

No entanto, tal ação desconsidera que cada sujeito é único e se manifesta através de seus discursos, dos enunciados e dizeres subjetivos.

A psicanálise já tratava acerca do assunto em desde 1905, com as primeiras publicações de Freud em seu texto os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, em que situa a prática sexual, onde crianças e adolescente são colocadas como objeto de descarga da energia pulsional, como ato perverso.

Freud ao escrever sua teoria sobre a estruturação psíquica do sujeito, delimita a partir de sua experiência clínica três estruturas no qual o sujeito pode se constituir, são elas neurose, psicose e perversão. Desta forma, o autor elabora construtos teóricos sobre cada estrutura e suas sutilezas na clínica psicanalítica.

É através da fala que o sujeito se manifesta, deixando evidências sobre sua estruturação psíquica, mas esse discurso está para além do falar, está também no modo como se apropria do próprio corpo, ou seja, no seu modo de gozo, e na relação com o outro, isso dirá sobre esse sujeito e sua constituição psíquica.

A psicanálise se propõe a escutar o que há de mais singular nos discursos dos sujeitos, aquilo que está além do que foi dito, um dizer que para além do ato e que busca o sujeito revelar.

Este trabalho tem por objetivo investigar aspectos e particularidades do discurso perverso em sujeitos que cometem abuso sexual contra crianças e adolescentes, também como, fazer um levantamento bibliográfico a cerca deste discurso e sua forma de manifestação naqueles que falam, independente de sua estrutura psíquica.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi uma revisão da literatura existente a cerca do discurso perverso e uma entrevista jornalística exibida em 2010, no programa Conexão Repórter, onde um padre acusado de cometer abuso sexual confessa e fala sobre o ato. A análise da entrevista foi realizada a partir do arcabouço teórico da psicanálise, onde foram realizados recortes da fala do entrevistado e feito uma conceituação a partir da teoria psicanalítica, sobre os trechos mais significativos, preservando a fidedignidade do que foi dito pelo sujeito, pois trata-se de um modelo processual e investigativo e não conclusivo. Nesse sentido, Safra 2001 diz que:

No texto freudiano intitulado "Análise terminável e interminável" está colocada uma perspectiva fundamental para se pensar a investigação em psicanálise. Nele vemos que o método psicanalítico é posicionado não na busca de um objetivo determinado ou de algo a ser concluído, mas como um procedimento processual. Trata-se de uma

característica do processo psicanalítico diretamente relacionado às peculiaridades da subjetividade humana: a contínua abertura para o devir. Essa perspectiva pode ser encontrada nos trabalhos de Lacan, nas formulações de Bion ou nas de Winnicott. Temos aqui um princípio fundamental da investigação em Psicanálise: ela é um processo investigativo não conclusivo (p. 3).

Desta forma, por compreender que cada sujeito é único e singular, o processo de investigação de orientação psicanalítica, é processual e contínuo, entende-se que estamos sempre em movimento para o devir, sendo assim, a investigação não é realizada na perspectiva de fechar, de concluir, mas de averiguar o que cada sujeito tem a dizer sobre si.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A PERVERSÃO DE TODO SUJEITO FALANTE

Muito se confunde o conceito de perversão utilizado pela psicanálise, com a etiologia da palavra, que vem do latim *pervertere* (perverter), utilizado pela psiquiatria e pelos fundadores da sexologia, que usavam o termo de forma pejorativa e patologizante para designar práticas sexuais tidas como desvio da norma social, (SANTOS; SCAPIN, 2015).

Na psicanálise o termo perversão é utilizado para definir a estruturação psíquica na qual o sujeito pode se constituir, também como, tratar questões relativas a pulsão e a sexualidade. Freud (1905), ao publicar sua obra intitulada “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, discorre sobre os desvios do alvo sexual, em que coloca os atos sexuais preliminares, como ato perverso:

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome). Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como *perversões*. É que certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como alvos sexuais preliminares (p. 92).

Desta forma, o sujeito ao utilizar o corpo e suas partes na relação sexual para além da finalidade do coito e da procriação, na tentativa de satisfazer a pulsão sexual, estaria se colocando no campo das práticas da sexualidade perversa. Tendo em vista que, Freud (1905), define nesse sentido sexual as perversões como:

As perversões são ou (a) *transgressões* anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) *demoras* nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final (p. 92).

Sendo assim, podemos entender que toda relação sexual humana, onde há relações preliminares e que o sujeito retira uma parcela de prazer e excitação disto, pode ser entendida

como uma prática perversa. Diante disto, Freud coloca a perversão no campo da normalidade, a pesar do referido autor não fazer uma definição sobre normalidade ou anormalidade, ao definir a perversão desta forma a coloca em uma prática comum aos sujeitos.

Contudo, Freud ao escrever sobre a pulsão sexual caracteriza a perversão como predisposição normal da sexualidade infantil, colocando a criança como perversa polimorfa. Afirma Queiroz (2004):

Á medida que Freud avança na caracterização da pulsão sexual, ele vai configurando a perversão como uma predisposição natural da sexualidade infantil que, antes de se organizar numa sexualidade adulta, se manifesta por meio de perversões polimorfas e uma disposição original e universal da pulsão sexual que coloca em jogo os objetos parciais (p. 81).

Antes de haver a organização sexual na infância, a criança se utiliza de objetos parciais para extrair satisfação e prazer. Tais objetos podem ser o próprio corpo, o outro que, ao tocar e tecer cuidados nas zonas erógenas do sujeito infantil, desperta sensações de prazer e satisfação. Vale salientar que Freud (1905) definiu por zonas erógenas partes do corpo que ao ser tocado proporciona sensação de prazer, como a mucosa e o ânus. Desta forma a criança seria perversa polimorfa, pois vivencia de forma espontânea todas as formas de satisfação sexual em seu corpo, sem vergonha e limites, tendo em vista que tais aspectos na infância ainda estão em construção.

Desta forma, ao conceber uma teorização sobre a sexualidade e tratar aspectos sexuais antes tidos como “anormais”, ou seja, fora da norma, dos padrões sociais, Freud tenta dar um “ar” de normalidade as práticas sexuais preliminares tidas como perversas e patológicas. Porém, segundo o autor referido, o que diferenciaria em quanto patológico seria a escolha do objeto de satisfação e a fixação da pulsão sexual nesses objetos.

Em seu texto “Uma criança é espancada”, Freud (1919) aprofunda os estudos sobre a perversão, dando um estatuto de fantasia. Nesse processo o sujeito cria um fantasma oriundo de três tempos. Desta forma, concebe a fantasia perversa tanto na neurose, quanto no perverso.

Essa fantasia, Freud a denominou de fantasia perversa masoquista. A primeira fase se constitui em: o pai bate numa criança, assim, a criança cria uma fantasia imaginária “meu pai está batendo na criança” (FREUD, 1919, p. 201). Freud interpreta da seguinte maneira, “meu pai está batendo na criança (que eu odeio)” (*Ibid.*). A criança que fantasia, está como espectadora da cena. Tal cena pode ser entendida e fantasiada pela via do ciúme que a criança sente do irmão, surgindo como uma afirmação de amor do pai, para com ele. Nessa fase não há conteúdo masoquista, pois, não é o sujeito que fantasia que protagoniza a cena, mas há

uma satisfação em relação ao castigo que o “rival” sofre e a “afirmação” do amor que o pai direciona para ele, a satisfação é puramente edípica. Segundo Valas (1990):

Pouco importa se a cena tenha sido real ou apenas desejada, não é um fantasma masoquista, já que a criança espancada não é o sujeito, e nem sádica, pois também não é o agente espancador. O sujeito vai conhecer um triunfo passageiro, um prazer, sobre o qual Freud nos diz que não é de ordem sexual, nem de ordem sádica. A satisfação está ligada à realização de um voto incestuoso de ser amada pelo pai, e o fato de que a outra criança seja espancada é apenas a prova disso. A referência ao pai indica que já se trata, aí, de uma situação de engajamento no Édipo (p. 70-71).

A segunda fase se constitui a intermediária e a mais importante, nessa etapa a criança que fantasia é quem apanha e o pai é quem bate. Desta forma a criança vivencia sentimentos de dor e prazer. É nessa fase que se constitui a fantasia perversa, derivada do complexo de Édipo. Com essa fantasia o sujeito se pune pelo prazer sentido na primeira fase e por nutrir desejos sexuais edípicos. Valas (1990):

Ele [fantasma] encena a relação privilegiada da criança com o pai, com toda sua carga de ambiguidade, em sua significação de ser o fantasma de um desejo incestuoso da filha por seu pai, neste momento privilegiado da dialética edípica (p. 71).

Assim, evidencia a ambiguidade da criança em relação ao pai, ao mesmo tempo em que deseja derrotá-lo em sua rivalidade, deseja ser amado por ele. Com o declínio do Édipo, os impulsos sexuais são recalçados na neurose, o que resta para o sujeito é a culpa. Com o sentimento de culpa o sujeito muda sua posição inconsciente na fantasia passa de sádico para masoquista, o investimento libidinal passa de objetal, para narcísico, essa se configura a terceira fase da formação da fantasia.

Segundo Valas, não é possível diferenciar neuróticos de perversos em níveis de fantasias consciente (perverso), ou inconsciente (neuróticos):

Ora, a oposição entre neurose e perversão (neurose – fantasmas inconscientes – condutas imaginárias/ perversão – fantasmas conscientes – condutas reais) não é mais pertinente apenas por esses critérios, a partir do momento em que Freud observa que os neuróticos também têm fantasmas conscientes, e podem ocasionalmente atuá-los, assim como os verdadeiros perversos podem também se contentar com a evocação de cenas imaginárias para obter a satisfação procurada (VALAS, 1990, p. 104).

Tanto na estrutura perversa, quanto na neurose o fantasma sempre estará presente, o que irá diferenciá-los é a forma de se posicionar frente ao fantasma. Para Lacan (1967), a diferença não reside em si no fantasma, mas na posição que o sujeito adota frente a este. Na neurose o sujeito se sustenta sozinho frente ao Outro, enquanto na perversão o sujeito assume duas posições a de sujeito e a de objeto. Tiraremos mais adiante as consequências dessa afirmação Lacaniana.

Diante disso, podemos compreender a afirmação de Freud 1905, afirma que a “neurose é como negativo que o negativo da perversões”:

Assim, descobrimos que, nessas pessoas, a inclinação para todas as perversões é demonstrável na qualidade de forças inconscientes e se denuncia como formadora de sintomas, e pudemos dizer que a neurose é como que o negativo da perversões. Diante da ampla disseminação das tendências perversas, agora reconhecidas, fomos impelidos ao ponto de vista de que a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, e de que a partir dela, em consequência de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação, desenvolve-se o comportamento sexual normal. (p.142)

Nesse sentido, podemos compreender que na neurose as inclinações perversas se manifestam através do sintoma, por haver o recalque, diferente da perversão que há a criação do fetiche. Desta forma, Freud afirma que a predisposição perversa é inerente a pulsão sexual humana, nos remetendo que independente da estrutura perversa, todo sujeito humano irá apresenta-la seja consciente ou inconsciente.

3.2 A ESTRUTURA PERVERSA

Na estrutura perversa o sujeito ao dar entrada no complexo de Édipo, se deparando com a ausência do falo no outro feminino, recusa essa falta. O objeto fálico ganha representatividade através do pênis, porém, este não constitui o objeto real, podendo ser representado através de outros objetos. Por um lado, ele nega a percepção e por outro toma conhecimento dela (FREUD, 1927). Essa denegação da ausência fálica é concebida como uma saída, um mecanismo de defesa frente a angustia e medo da castração. Porém, com esse mecanismo o sujeito não se submete a lei simbólica, não renunciando o seu desejo incestuoso. Freud (1938) afirma que:

Por um lado, com a ajuda de um certo mecanismo ela (a criança) rejeita a realidade e recusa aceitar qualquer proibição; por outro lado, com o mesmo fôlego ela reconhece o perigo da realidade, assume o medo daquele perigo como um sintoma patológico e tenta, subsequentemente, se livrar desse medo (p. 275).

Esse mecanismo de defesa do perverso, a denegação, se caracteriza justamente por essa ambiguidade, em que o sujeito rejeita a realidade percebida e ao mesmo tempo toma conhecimento desta.

Lacan, em sua releitura aos pressupostos freudianos, sugere que o complexo de Édipo se situa em três tempos. O primeiro estaria localizado no início da vida da criança, onde o sujeito em sua imaturidade motora, se identifica na imagem do Outro, se colocando como

objeto para este. Essa primeira fase onde a criança se aliena no desejo do Outro, Lacan denominou estádio do espelho inaugural. Segundo Greco (2011):

O Estádio do Espelho de Lacan é o precursor da dialética da alienação do sujeito no eu. O sujeito jamais apreende a si mesmo, a não ser sob a forma do seu eu (moi), estritamente dependente do outro especular, que constitui sua identidade. Por essa razão, a relação que o sujeito mantém consigo mesmo e com os outros (seus objetos) permanece sempre mediada pelo eixo Imaginário (p. 4-5).

O segundo tempo estaria na inserção da lei simbólica representada pelo significante nome do pai, no qual um terceiro faz um corte nessa relação, colocando a criança em um dilema, ter ou não ter o objeto fálico que completa a mãe. Ao perceber que não completa o sujeito materno nessa relação e que esta, deseja para além dele, se defronta com a castração simbólica. Nesse tempo, a criança acredita que o sujeito paterno é portador do falo, que completaria o outro materno, (BLEICHMAR, 1984).

O terceiro momento é para Lacan decisivo na estruturação psíquica do sujeito, pois, completaria a fase anterior. A criança tende a se identificar com a figura que julga ser o ego ideal, aquele que porta o falo. O pai surge como instaurador da lei simbólica, que barra o desejo incestuoso da criança. Segundo Bleichmar (1984):

(...), como resultado disso surgem duas consequências que se produzem no terceiro tempo do Édipo: a) a aceitação da lei. Ao aceitar a lei, a lei que se aceita por antonomásia é a lei do incesto, que não só proíbe a relação sexual com a mãe como também a possibilita com outras mulheres. Por isso, Lacan diz que, no terceiro tempo, o pai aparece como permissivo e doador (...) realizada a castração simbólica a lei é 'não dormirás com a tua mãe, mas sim com qualquer outra mulher'. O pai aparece como aquele que outorga o direito à sexualidade e, como consequência, produz-se a assunção da identidade de ser sexuado, identidade de acordo com a natureza de cada um. (p. 57-58).

Nesta dinâmica, o sujeito cria saídas e arranjos, para simbolizar a castração e a descoberta da mãe castrada, podendo ser pela via do recalque defesa da neurose, no qual o sujeito internaliza a lei e renuncia o desejo incestuoso, recalçando-o, se tornando sujeito desejanste. Foraclusão defesa da psicose, em que o sujeito se aliena no desejo do Outro e fica fora do Édipo, foracluindo o pai. E a denegação defesa da perversão, onde se recusa/denega a acreditar que a mãe não teria o objeto fálico.

Desta forma, o perverso é aquele que coloca um objeto substitutivo para a falta percebida na mãe, e o elege como objeto fetiche, Freud (1927) afirma que:

Ao enunciar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho

outrora acreditou e que - por razões que nos são familiares - não deseja abandonar (p. 95).

Com o encontro da diferença sexual o sujeito perverso faz uma escolha frente a castração na tentativa de tamponar a distinção anatômica percebida no outro feminino, assim, não renuncia a satisfação de ser o falo conservando uma dupla condição, a de se colocar no lugar deste, onde irá ser objeto fetiche para um Outro, ou de ter o falo, para dar esse objeto ao outro, mas sempre se colocando a serviço do gozo em ambas as posições. Assim pode-se pensar a afirmação Lacaniana já citada, em que o sujeito ocupa a dupla posição, a de sujeito e a de objeto.

Vale salientar que ao se colocar no lugar de objeto a^2 , podendo ser compreendido como objeto representante da falta, o sujeito perverso fica em uma posição de gozo do Outro, tendo em vista, que passa a ocupar esse lugar imaginário de objeto causa, mas não de desejo e sim de gozo. Segundo Melo, *et al* (2004):

Na perversão o sujeito busca manejar, dominar o pulsional se colocando como objeto de gozo do Outro. Em seu agir, o perverso é comandado pelo imperativo categórico do gozo: vive para o gozo, na tentativa de apoderar-se dele, organizá-lo, administrá-lo e prorrogá-lo (p. 51).

Nessa dinâmica o sujeito fica escravo do seu modo de gozo e permanece em uma repetição no circuito pulsional. A pulsão³ tem a função de contorno em volta do objeto, ficando no lugar deste, o vazio, a falta, pois no cerne da repetição o que está é o retorno da pulsão ao circuito pulsional, assim, não haveria sujeito, nesse sentido, afirma Melo, *et al* (2004):

A satisfação da pulsão é correlativa ao fechamento de seu circuito e retorno. Nela o objeto é o mais contingente, já alertava Freud, a pulsão visa apenas contorná-lo, o que o define como falta ou perda, puro vazio. O alvo da pulsão é o retorno em circuito. Esta é, pois, dinâmica, sem sujeito, acéfala [...] (p. 52).

Na perversão, porém, o sujeito se coloca no lugar de a , como afirmamos anteriormente, o objeto que é fecho do circuito e que falta nessa dinâmica, ficando submisso a cadeia repetitiva, fixa e infinita, perdendo toda a sua liberdade, se tornando escravo do imperativo do gozo do Outro.

² Termo introduzido por Jacques Lacan*, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito* e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo*. (ROUDINESCO, PLON, 1998, p. 551).

³ Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. (ROUDINESCO, PLON, 1998 p. 628).

O sujeito perverso sabe da castração e padece desta, porém, não faz da falta, melhor dizendo, da castração seu bem maior para poder engendrar na lógica do desejo, assim como o neurótico. Na organização perversa a castração é tamponada a partir do objeto fetiche o que promove uma dinâmica do gozo fixada e repetitiva, onde o sujeito também ocupa o lugar de objeto o impossibilitando de ascender do gozo ao desejo.

Na neurose o sujeito ocupa lugar de objeto para o Outro, mas para dar consistência a esse Outro, para fazê-lo existir como lugar de verdade, fazendo o desejo surgir em forma de pergunta, tendo como resposta o fantasma. Melo, *et al* (2004, p. 53). Sendo assim o sujeito neurótico está sempre buscando responder a questão: O que sou para o Outro? O que o Outro quer de mim? Essa questão só é possível responder no campo da fantasia. É na fantasia que o neurótico encena sua posição e constrói sua realidade.

Na perversão, diferente da neurose, o desejo surge como uma afirmação. Sobre isso afirma Melo *et al* (2004, p. 53): “Assim, na perversão, a falta não tem o mesmo estatuto na sua articulação com o desejo. O desejo na perversão não surge como uma pergunta pelo desejo do Outro como na neurose - ele se faz presente como uma resposta dura e inflexível”.

Isso ocorre por que o sujeito perverso denega a castração e sem a falta não há desejo, não há movimentação deste. Para denegar a castração o perverso utiliza o recurso do fetiche, desta forma, fetiche encobre a falta. O efeito dessa dinâmica é exatamente o surgimento do “desejo” como uma ordem, uma afirmação, ou em outras palavras, poderíamos dizer que o gozo fixado e repetido não cede lugar ao movimento criativo do desejo que reveste os objetos do semblante de *a*. Assim o próprio perverso encarna o *a*. Sendo ao mesmo tempo sujeito e objeto, onde a energia pulsional do sujeito se fixa, fazendo o perverso gozar de uma posição, seja ela, o outro como objeto fetiche ou o próprio sujeito nesse lugar. Nesse estatuto que o sujeito engendra, fica escravo nessa relação de puro gozo com os objetos do qual se destina a pulsão e isso decorre pois, o desejo assume vontade de gozo. Melo *et al* (2004):

O desejo perverso assume então a forma de vontade de gozo, daí Lacan afirmar que os perversos são os verdadeiros crentes, acreditam no gozo todo, tentando fazê-lo retornar ao campo do Outro. No lugar do objeto *a*, tentam fazer voltar o gozo ao campo do Outro, ao mesmo tempo que, através do gozo, procuram dividir e subjetivar seu parceiro (p. 53-54).

Nessa dinâmica, a pulsão em sua tentativa de satisfação, se fixa no objeto eleito pelo perverso como objeto fetiche, desta forma, se pode compreender os motivos pelo qual o sujeito sabe seu modo de gozo e o repete para obter uma satisfação do gozo todo.

3.3 A PERVERSÃO COMO DISCURSO

A perversão ainda pode ser tomada como uma modalidade de discurso, um estilo de laço social e não apenas como uma estrutura, tal laço é o que permite a relação transferencial na clínica. O discurso surge como um tipo de fala endereçada ao analista, na tentativa de neutralizar a angústia de castração (CASTRO, 2004).

Desta forma, podemos entender que o discurso perverso tem suas especificidades na clínica psicanalítica e se apresenta como performativo, mais que relatar, descrever, é atuação “a ação é uma atitude independente de uma forma linguística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação” (CASTRO Apud OTTONI, 1998, p. 36).

O performativo implica no fato do sujeito colocar seu corpo na cena, não se utilizando apenas da fala para ilustrar algo, mas também do corpo. O sujeito insere no discurso elementos corporais na tentativa de criar uma reprodução da imagem, da cena vivida, desta forma, emerge como complemento ao que é falado, daí pensarmos como fala-ção (CASTRO, 2004).

Pode-se pensar a atuação perversa como um ato-sintoma em que a repetição se configura como a recusa a castração, cada vez que o sujeito repete o seu ato, neutraliza a angústia de castração e se afirma não castrado. O discurso perverso é endereçado ao outro, na tentativa de angustia-lo, esta é a forma que o perverso encontra na sua atuação de escapar da angústia de castração, apontando o outro enquanto castrado e o colocando como portador de sua culpa (CASTRO, 2004).

No entanto, o discurso perverso pode surgir em qualquer sujeito independente de sua estrutura, trata-se de uma modalidade de fala, pois segundo Queiroz, (2004) o que caracteriza um discurso perverso é o *verleugnung* (denegação), mecanismo de negação presente na perversão e que pode se manifestar no discurso de qualquer sujeito.

Isso decorre, pois a *verleugnung* é considerado umas das negativas que está vinculada a formação do aparelho psíquico e desta forma, não é possível associar apenas a perversão (QUEIROZ, 2004). Esse processo de denegação antecede o próprio mecanismo *verdrangung* (racalque), seria um mecanismo mais arcaico. Sobre esse mecanismo afirma Queiroz citando Kaufman (2004):

A ideia de Kaufman de ela “se oferecer como placa giratória entre neurose, psicose e perversão” põe em relevo a plasticidade e abrangência desse conceito, mantendo, ao mesmo tempo, seu caráter de defesa e de primeira negativa. Ele supõe que, associada a ela, se organiza uma outra defesa, gerando, por conseguinte, a neurose ou psicose; no primeiro caso, a *verdrangung* e, no segundo, a *verwurfung* (p. 117).

Neste sentido, podemos pensar essas articulações da *verdrangung* e da *verleugnung* em um segundo momento, pois no primeiro, o infas ao se deparar com a castração vai desenvolver uma defesa para esse acontecimento traumático e desta forma, a denegação ou a recusa irá dizer sobre o não reconhecimento da diferença sexual, ou seja, o sujeito tomou conhecimento da diferença, mas a nega. No segundo tempo, o recalque advém como uma defesa que visa afastar essa visão traumática, lançando-a para o inconsciente e assim coloca o sujeito na neurose, ou pode tomar outro rumo, ao se articular com a *verwrfung*, sendo excluído definitivamente da dimensão simbólica, colocando o sujeito no campo da psicose, no entanto, se não há a articulação com nenhum das duas defesas e o sujeito fica apenas na *verleugnung* conservando a imagem percebida, mas negando-a, ele se situa no campo da perversão.

Desse modo, seguindo o pensamento de Queiroz (2004), podemos compreender a afirmação que qualquer sujeito pode produzir um discurso adjetivado perverso, pois tendo a *verleugnung* como primeira negativa, indica dizer que todo sujeito passou por ela e só posteriormente em sua articulação, ou não, com os demais mecanismos de defesa é que se constituiu em uma das estruturas psíquicas.

Esse discurso adjetivado perverso é tomado pelo gozo, há nele a tentativa do sujeito colocar o seu gozo nas palavras, como se não houve naquilo que é dito pontos de ancoragem em uma significação, “[...] a linguagem parece ser meramente denotativa, carregada de descrições hiperbólicas que dão a narrativa uma textura singular” (QUEIROZ, 2004, p. 30).

Trata-se de uma tentativa de espelhar na fala aquilo que foi vivido, como se quisesse reconstruir a cena vivenciada, constituindo um discurso para além da fala, imagético, criando uma tentativa de ver e mostrar através do que se fala, daí pensarmos como uma forma de falação. Segundo Queiroz, (2004, p. 30) “Atribuimos essa fenomenologia discursiva á manifestação da *vereugnung*, que se expressa não só nos conteúdos das representações, como na maneira de enunciá-las”.

É como se houvesse uma falha no mecanismo de representação dificultando que o sujeito represente o que foi vivido, em palavras, que signifique aquilo que viveu. Afirma Queiroz (2004):

Mesmo nos casos em que a representação com palavras tem êxito, esta adquire mais uma função de “mostração”, de apresentação do que de representação, como se faltasse a mediação de um representante – o representante da representação – ou a operação metafórica, necessária a qualquer construção de sentido. Tem-se, por conseguinte, a impressão de um discurso imagético no qual a imagem parece ficar chapada na palavra. A palavra perde o sentido polissêmico e faz o discurso adquirir a característica supracitada (p. 50-51).

Essa característica é típica da defesa perversa, o desmentido, pois em outro momento, ao negar a percepção da falta fálica no sujeito materno, da castração, cria um fetiche, colocando um objeto para encobrir a falta percebida e perde-se de criar uma significação simbólica da castração, desta forma, o objeto fetiche ganha estatuto fálico, deixando uma falha na representação simbólica do sujeito. Assim, a função de significação do significante fica comprometida, pois passa a ser usado apenas na função de representar. Queiroz (2004)

[...] penso, o significante fica comprometido na função de representar. O efeito é a produção de um discurso no qual se tenta encenar com palavras. Elas deslizam metonimicamente, sem ponto de ancoragem num significação, semelhante ao que observamos no texto de Sade. Neles, constroem-se os discursos de modo a dizer tudo o que se faz e a enunciar o que se vai fazer de tal forma, que o dialogo nunca se interrompe, produzindo, assim, um insistente movimento de palavras (p. 51).

Esse movimento de palavras que surge na função de dizer tudo aparece como uma forma do sujeito colocar seu gozo naquilo que fala, ao falar tudo há um gozo perverso, é como se para o sujeito a cena falada fosse revivida, remontada. Isso decorre pela falta da ancoragem nas significações das cenas protagonizadas pelo sujeito e por não haver uma representação simbólica. Na perversão não há operação metafórica, pois falta um representante da representação, porém o significante não está numa colagem no Real, como na psicose, mas numa colagem no real da imagem (QUEIROZ, 2004).

Freud vai trabalhar representações em duas vertentes a de objeto e a da palavra, suas articulações na formação do aparelho psíquico, a criação de representantes da representação e o significado que emerge desse processo. Segundo Barrêto (2013):

Freud traz dois tipos de representação, conforme já citamos, de objeto e de palavra. As duas são de uma densa complexidade, sendo a representação da palavra constituída por elementos visuais, cinestésicos, acústicos que se relacionam às associações de objeto a partir de sua imagem acústica; e, ainda, suas inúmeras associações, compostas pelas representações auditivas, tácteis, visuais, etc. (p. 45).

Nesse sentido, é a partir da representação do objeto e sua articulação com a palavra que iram emergir os significados. É válido salientar, que é a partir das imagens acústicas que o sujeito cria a associação com o objeto e desta forma, surge a representação deste. No entanto, a representação da palavra só terá significado mediante sua associação com o objeto. Desta forma, sempre haverá a representação por substituição, o sujeito vai criando cadeias associativas e assim vai emergindo novas representações. Segundo Lucero; Vorcaro (2009, p. 244), “Lacan opta [...] [pelo termo] “representante da representação” para enfatizar que uma representação sempre remeterá a outra”. Na perversão esse processo fica comprometido, há uma falha na dimensão simbólica e a prevalência do imaginário.

Lacan (1955), vai falar que o molde da perversão é a imagem, ou seja, a imagem que o perverso guarda é a da castração, com isso, a dimensão imaginária do sujeito perverso é prevalente em uma relação sujeito, Outro. Desta forma, Queiroz (2004):

Logo, pela mediação da dimensão imaginária, o significante, em vez de permanecer congelado no corpo, como acontece com os fenômenos psicossomáticos, ele se “imaginariza”; há, todavia, uma tentativa de fazer uma *vorstellungrepresentaz* (representante da representação), porém falhada (p. 129).

Apesar de haver essa falha no processo de representação na perversão, a representação da castração não é apagada, ela permanece, o que falta é que o sujeito atribua a isto uma espécie de significância na dimensão simbólica. Afirma Melo *et al* (2004, p. 54): “No desmentido, diferentemente do recalque, a representação não é apagada, mas reduzida a uma espécie de não-significância, de não-valor no plano simbólico”.

Essa falha no processo de simbolização e de representação se dá, pois antes de acontecer o recalque o que há para o sujeito é uma sequencia de articulação de representação (signos) de imagens visuais, cenestésicas e acústicas, regida pelo processo primário e que engendram na formação do significante. A imagem acústica no polo sensorial é imprescindível nesse processo, para a circulação da energia libidinal e para a organização das articulações das representações, mas na perversão há uma falha nessa função. Queiroz, 2014, p. 599) afirma:

[...] só ela (imagem acústica) se apresenta apta a religar as representações de palavra às representações de coisa. Quando a função simbólica que comanda todo esse processo de transcrição se encontra falhada, a imagem acústica deixa de exercer seu papel de mediação, produzindo uma ruptura nas ligações de representações e a imagem visual torna-se prevalente. Na figuração imaginária, a representação torna-se mais dependente de uma colocação em imagem, tendendo a reproduzir a percepção.

No entanto, esses processos ainda não constituem uma representação da palavra, tendo em vista, que fazem parte do processo primário. Esse processo de formação da representação da palavra, só ocorre quando há o recalque, pois é através dele que emerge a representação por substituição. Queiroz (2004), “quando intervém a *verdrangung* (recalque), desencadeia o processo de representação por substituição, por delegação ou procuração [...] (p. 129)”.

As representações segundo Queiroz (2004), citando Duparc se organizam em diferentes níveis de maturidade:

Do ponto de vista dinâmico, seria melhor dizer que as representações comportam diferentes níveis de maturidade [...] A cada nível de representação corresponde um tipo de limite, de borda, decorrente da negativa á qual está submetida; sua posição tópica no aparelho psíquico determina as ligações tanto com o nível precedente quanto com o conseqüente (p. 130).

Esses níveis de representações se manifestam de diversas formas discursivas de acordo com os recursos e níveis que os sujeitos dispõem, e a qual negativa está submetido. Haveria ainda segundo Duparc (*apud* QUEIROZ, 2004, p. 131), casos limites, em que “as pulsões são mal controladas pelas representações primárias, nas quais a figura perceptiva domina suas ligações verbais”, nesse caso limite pode situar a perversão.

Derivado desses níveis de maturidade das representações há uma divisão do discurso em dois níveis, o verbal e a figuração imaginária (DUPARC, *apud* QUEIROZ, 2004, p. 131). A primeira exige um nível de abertura do sujeito que perpassa pela castração simbólica e instala a dúvida, ou seja, o sujeito passou pela castração e criou uma sentindo para o que foi vivido, uma representação por substituição nesse caso o processo de representação se apresenta sem falha, conservando sua cadeia substitutiva de significante, possibilitando o sujeito construir significado.

A segunda diz respeito à “representação torna-se mais dependente de uma colocação em imagens, tendendo a reproduzir a percepção” (DUPARC, *apud* QUEIROZ, 2004, p. 132). Essa segunda modalidade haveria a falha no processo de representação, comprometendo a dimensão da palavra, o plano simbólico, sobressaindo a dimensão da imagem, e desta forma, o significante fica preso à imagem percebida, criando uma dificuldade na produção da cadeia de representações, sentidos e significados. Nesse sentindo a narrativa perversa se situa na segunda modalidade discursiva.

Nessa dinâmica o corpo do sujeito é convocado para compor a cena falada. Na perversão o sujeito se utiliza tanto da fala, do discurso, quanto do corpo para remontar a cena falada, para mostrar, pois, ao criar a cena é a dimensão da imagem que ganha forma. Aquilo que escapa ao nível de representação do sujeito através do discurso, pode surgir na atuação do corpo, na tentativa de mostrar tudo que se pretende. Freud, como já citado, advertia a questão do corpo na perversão polimorfa do infans, é um corpo que demanda ser visto, ser olhado há aí a pulsão escópica presente.

Se podemos pensar o perverso como aquele que é escravizado por um modo de gozo, podemos dizer que esse gozo também circula no corpo e que retorna no corpo, é esse corpo que banhado no real, o perverso usa para completar o seu discurso. O gozo se situa na dimensão do excesso, aquilo que ultrapassa o limite e é isso que surge nesse discurso, o gozo na configuração de um discurso, que utiliza de todo artefato para produzir seu excesso.

4. RESULTADOS E DISCURSÕES

Para ilustrar alguns aspectos do discurso perverso, foi utilizada uma entrevista com o padre Edilson Duarte, condenado por abusar sexualmente de crianças e adolescentes em 2010 na cidade de Arapiraca-AL, pela CPI da pedofilia. A entrevista foi feita pelo jornalista e repórter investigativo Roberto Cabrini, que foi exibida em 2010 no programa televisivo Conexão Repórter da emissora SBT e atualmente disponível no YouTube. Nessa entrevista, Edilson Duarte confessa ter abusado e fala sobre o que ocorreu.

Foram realizados alguns recortes de falas para ilustrar teoricamente o discurso, no entanto, não trata-se aqui de traçar um diagnóstico estrutural, pois como já citado, partimos do ponto de vista, que qualquer sujeito independente de sua estrutura psíquica, pode produzir um discurso adjetivado perverso.

Nos primeiros fragmentos da entrevista, Edilson Duarte fala que era coroinha na sua infância e quando perguntado se havia sido abusado enquanto coroinha, ele responde que não, mas que havia sido abusado sexualmente aos doze anos de idade por um vizinho e quando perguntado o que aconteceu, ele fala “Ele chegou lá me abraçou, beijou e aconteceu, e aconteceu o que eu disse”. Nessa fala, o que chama atenção é que todas as vezes que o sujeito é perguntado sobre os abusos que cometeu, ele responde de modo semelhante ao relato do abuso que sofreu “Começaram com uns abraços e uns beijos e terminou na relação”, começando sempre da mesma forma que ele vivenciou com os abraços, beijos e depois o ato sexual. Nesse sentido podemos pensar que há um movimento de repetição, como uma tentativa de remontar a cena vivenciada, o que nos leva a supor uma forma de repetir esse gozo.

Podemos pensar que há aí uma colação nessa imagem, uma prevalência da imagem para o sujeito, pois, como já citado anteriormente, no discurso perverso a ação, o ato é convocado para compor o discurso, pois esse discurso é chapado na imagem que a cena montada tenta reproduzir. Esse aspecto da imagem e a tentativa de reproduzir surgem em diversos momentos da entrevista.

Quando perguntado se pensava em lutar contra a realização do ato ele responde “Toda vida pensei”, mas afirma “Não conseguia”, se referindo ao fato de não conseguir parar de cometer o ato e quando perguntado o porque de não conseguir ele fala “Não conseguia porque... sempre vinha as lembranças antigas, permanentes”, indagado se eram as lembranças do abuso sofrido, ele responde: “Sim, sim. Vinham as lembranças antigas, permanentes dentro

de mim”, estaria aí o sujeito escravo desse modo de gozo? Aparentemente sim, estaria fixado em uma cadeia de gozo, onde não houve uma significação para esse acontecimento que ficou traumático, comprometendo a representação por substituição, pois quando perguntado sobre qual a relação que faz dos abusos que cometia com o que sofreu o sujeito diz “As mesmas coisas, as mesmas coisas” e complementa dizendo que quando abusava havia uma tentativa repetir o abuso que sofreu na infância, “Assim, de fazer né, de fazer. De repetir”. O fato de falar e repetir as mesmas coisas que sofreu, pode apontar que há uma tentativa falhada em criar um representante da representação e ao mesmo tempo um gozo mortífero que o faz infligir às regras.

Outro aspecto que chama atenção é que mesmo sabendo que para a religião é “pecado” e que para o jurídico o ato de abusar sexualmente de crianças e adolescentes é crime, ele comete o ato e afirma saber que está infligindo á lei jurídica e as regras religiosas. Edilson quando perguntado sobre o assunto afirma, “sim”, que sabia que era errado, mas mesmo assim cometia. Estaria presente o mecanismo da denegação da lei simbólica nessa fala? Talvez sim, pois ao infligir ás regras, as leis, pode-se pensar que a vontade de gozo é maior, que mesmo tendo conhecimento da proibição, realiza o ato e com isso a única lei que obedece é a do gozo.

Apesar de cometer os abusos Edilson apresenta durante sua fala angústia. Ao ser perguntado “No momento que o senhor estava abusando ali, dos jovens, os acontecimentos da sua infância vinham à mente?” ele responde “Sim. Vinha como uma dor, um... um sofrimento”, ficando evidente que há algo de angustia presente, o que pode ser pensado que esse sofrimento estar ligado inconscientemente ao fato do sujeito está submetido ao gozo, pois o objeto de gozo é também objeto de angustia para um sujeito neurótico.

5. CONCLUSÃO

Como citado anteriormente não há como saber a qual estrutura psíquica o sujeito pertence, pois para isso seria necessário à realização de um diagnostico diferencial. E não é esse nosso objetivo, pois para isto seria necessário que o sujeito estivesse em processo de análise.

Diante das falas apresentadas na entrevista e dos fragmentos expostos, podemos pensar que o sujeito apresenta alguns aspectos do discurso perverso, tais como: a tentativa de reprodução do ato vivido, indicando a fixação da imagem que ficou para o sujeito; a falta de

ancoragem em uma significação que possibilite o trauma deslizar em uma cadeia de representações, o que produz um discurso pobre de significações e associações escassas; a submissão do sujeito ao seu modo gozo; outro fato importante e possível de perceber é a vida dividida que o sujeito leva, entre o padre e o abusador, algo próprio da perversão e que remete ao sujeito conservar uma dupla posição entre lei e gozo.

O mecanismo de denegação presente ao infligir à lei, as regras, não necessariamente como mecanismo de estrutura, porém como mecanismo proeminente da defesa psíquica, marcando o modo como o sujeito segue a ditadura do gozo para além das proibições do Outro. Desta forma, podemos concluir que o sujeito está em um discurso predominantemente perverso, no entanto é possível perceber que há uma angústia ao falar sobre os abusos cometidos e os sofridos.

Algumas dificuldades impossibilitaram um estudo mais aprofundado sobre o tema: a pouca produção de literatura a cerca do tema foi o principal entrave, deixando uma limitação na abordagem do assunto; o fato da entrevista não ter sido realizada por um analista que utilizasse o método da escuta analítica aponta outra dificuldade encontrada nesta pesquisa, visando facilitar o método da associação livre.

O presente trabalho buscou contribuir de forma significativa para a clínica psicanalítica e os desafios que essa apresenta no manejo com a perversão, seja ela enquanto estrutura ou sua forma discursiva, colaborando teoricamente para repensar e auxiliar na definição de um diagnóstico estrutural. Também como, no manejo destinado frente ao tratamento analítico desses sujeitos que apresentam um discurso adjetivado perverso, possibilitando aos analistas e aos que pretendem se debruçar sobre o tema, perceber as sutilezas deste discurso e suas manifestações discursivas, pois o discurso enquanto forma de linguagem possibilita ao analista atento, recolher índices que determinaram um diagnóstico estrutural, peça fundamental para o manejo do tratamento, onde o sujeito analisando poderá para além da fala, construir novas posições subjetivas.

ABSTRACT

The present work is the result of a bibliographical research about perverse discourse and a journalistic interview analysis, aiming to investigate aspects and particularities of this discursive form in subjects that commit sexual abuse against children and adolescents, as well as to make a survey about the literature on the subject. To illustrate these aspects of the discourse, were used clippings of a journalistic interview with a priest convicted of committing sexual abuse and then was use a psychoanalytic theorization about the particularities of this discursive form, not in order to ascertain the psychic structure of the subject, but the subtleties of the speech it presents.

Keywords: Discourse 1. Perversion 2. Psychoanalysis 3.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARRÊTO, E. F. **A vertente real da nomeação**: entre a representação e objeto. Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA, João Pessoa: [s.n.], 2013.

BLEICHMAR, H. **Introdução ao estudo das perversões**. Porto Alegre: Ed. Médicas, 1984.

CASTRO, S. L. S. **Aspectos teóricos e clínicos da perversão**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4916@1>. Acesso em: 15/07/2018.

CONEXÃO REPÓRTE - Entrevista com o Padre Edilson Duarte. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GLoa7IW4LIM&feature=youtu.be>>. Acesso em: 25 de novembro 2018

GRECO, M. **Os espelhos de Lacan**. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf>. Acesso em: 25/06/2018.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1919). “**Uma criança é espancada**”: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1927). Fetichismo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1938). A divisão do ego no processo de defesa. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 3. As psicoses**. Versão brasileira de Aloísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 14. A logica do fantasma – 1966-1967**. Recife: centro de estudos freudianos do Recife, 2008.

LUCERO, A.; VORCARO, A. Das Ding e o outro na constituição psíquica. **Estilos clínica**, Vol. 14, n. 27, p. 230-251, 2009.

MELO, Carlo A. A. *et al.* Perversão - pulsão, objeto e gozo. **Reverso**, Belo Horizonte, Vol. 26, n. 51, dez. 2004.

MIELI, P. **Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952012000200011>. Acesso em: 19/05/2018.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, Vol. 15, n. 1-2, p. 83-106. jan./jun. 2004.

QUEIROZ, E. F. **A clínica da perversão**. São Paulo: Editora Escuta, 2004.

QUEIROZ, Edilene. O discurso perverso. **Revista latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, Vol. 17, set. 2014, p. 593-603, set. 2014.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFRA, G. Investigação em psicanálise na universidade. **Psicologia USP**, São Paulo, Vol. 12. n. 2, p. 171-175, 2001.

SANTOS; M. SCAPIN, A. **Associação entre perversão e pedofilia segundo a psicanálise freud – lacaniana**. Disponível em: <https://www.mastereditora.com.br/periodico/20150902_110115.pdf>. Acesso em: 10/04/2018.

UNICEF. **Brasil: UNICEF pede ‘tolerância zero’ à violência contra crianças e adolescentes**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/brasil-unicef-pede-tolerancia-zero-a-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 20/05/2018.

VALAS, P. **Freud e a Perversão**. Rio de Janeiro: Zahar Rio, 1990.